

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017
Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT 13 – Sociologia e Educação

Trajetórias escolares em contextos desfavoráveis

Vanessa Gomes de Castro (UFJF)

Fernando Tavares Júnior (UFJF)

Introdução

No Brasil, apesar dos reconhecidos avanços obtidos nas últimas décadas em relação ao acesso à educação básica, o rendimento (fluxo) e, principalmente, o desempenho (aprendizagem), elementos centrais para a qualidade da educação, permanecem como grandes desafios para a sociedade, o Estado e suas políticas educacionais. Diante disso, diversas pesquisas têm buscado, a partir de diferentes modelos teóricos e metodológicos, investigar essas questões relacionadas intimamente às desigualdades educacionais. Visando contribuir com este debate sobre a produção social da educação e suas desigualdades no país, esse trabalho busca investigar como transcorrem as trajetórias escolares em contextos sociais desfavoráveis e como o sucesso e o fracasso escolar são socialmente produzidos nesse transcorrer.

Assim, entende-se como trajetória escolar o percurso dos indivíduos através dos sistemas de ensino, no mínimo, durante o interstício de escolaridade compulsória. Contextos sociais são considerados desfavoráveis, quando as circunstâncias gerais de inserção social apresentam limites ao acesso a melhores condições de escolarização / socialização, como origem familiar desprivilegiada, com baixo nível socioeconômico e baixa escolaridade. Somam-se restrições a oportunidades educacionais democráticas, restando o acesso a escolas de baixo prestígio e qualidade “questionável”. De modo geral, o sucesso escolar é alcançado quando o aluno aprende os conteúdos ensinados, desenvolve as competências esperadas, é aprovado em todas as etapas, concluindo a escolaridade compulsória no tempo e idade corretos. O fracasso escolar, por sua vez, é o oposto. O termo transcorrer é bastante apropriado para compreender as trajetórias escolares, pois o transcorrer relaciona-se ao desenvolvimento do processo.

A Sociologia da Educação nos ensina que o sucesso e o fracasso escolar são produzidos socialmente, pois, embora a trajetória escolar seja cursada individualmente, quem determina os conteúdos a serem ensinados, as competências a serem desenvolvidas, os critérios de avaliação e promoção, bem como o interstício etário compulsório (e o desejável), são a sociedade e suas instituições. Soma-se o fato de que os comportamentos, as oportunidades e os fazeres sociais que se mostram mais favoráveis (ou não) às trajetórias escolares também são produzidos socialmente. É socialmente que os grupos interagem, disputam, produzem estratégias, estruturam seus capitais e se discriminam. No centro desta produção social, podemos destacar a interação entre as escolas e as famílias. A escola e seus atores, com suas políticas e práticas, conduzem trajetórias, geram (ou privam) oportunidades, promovem (ou não)

aprendizagens e certificações, bem como seu inverso, violência simbólica, reprovações, punições, privações abstratas e materiais, dentre outras limitações. As famílias geram a socialização de seus membros mais novos, através de estratégias (conscientes ou não) que se materializam nas escolhas e decisões em relação às possibilidades de escolarização, objetivando, em geral, sua permanência, promoção e aprendizagem, no mínimo, durante o período compulsório, gerando trajetórias educacionais. Desta forma, a produção do sucesso e do fracasso escolar é socialmente compartilhada.

Conforme constatado na literatura internacional, ao longo da trajetória escolar, isto é, entre a entrada e saída do sistema de ensino, diversos fatores podem contribuir para o sucesso ou fracasso educacional. Evidenciam-se fatores relacionados ao indivíduo e a sua família, tais como as características individuais e o *background* familiar (COLEMAN, 1966; JENCKS, 1972); a posse de capital econômico, cultural e social, aliados ao *habitus* de classe (BOURDIEU, 1970); a tomada de decisão racional sobre a escolarização com base nos custos, riscos e benefícios (BOUDON, 1981; GOLDTHORPE; 2010); a socialização (LAHIRE, 1997); além de fatores relacionados à escola e a sociedade, tais como os recursos físicos e humanos, políticos e práticos, a oferta e a qualidade da educação (COUSIN, 1993; BRESSOUX, 1994; SAMMONS; HILLMAN; MORTMORE, 1995; REYNOLDS, 1997; REYNOLDS, 2011).

Na literatura nacional, diversas pesquisas já investigaram, a partir de distintas bases teóricas e empíricas, os determinantes das trajetórias educacionais, destacando fatores relacionados ao indivíduo e sua família, bem como fatores relacionados à escola e a sociedade. Temos como exemplo as investigações de Nogueira (1998), que examina as trajetórias escolares dos indivíduos, as biografias e as estratégias utilizadas pelas famílias no decorrer dessas trajetórias, sejam as famílias das camadas populares ou mesmo as estratégias das elites; as investigações de Silva e Hasenbalg (2002), que analisam as características individuais e os recursos familiares na determinação educacional; Barbosa (2009), que investiga as características dos indivíduos, a posição social de sua família, bem como os efeitos da organização escolar na determinação educacional; Soares (2002), que investiga o efeito da escola; Alves (2008), que mira os efeitos das políticas públicas; dentre outras, como Castro e Tavares Jr. (2016), que buscam investigar os determinantes do sucesso e fracasso escolar.

Inserindo-se neste campo, esse trabalho tenta contribuir com as investigações até aqui conduzidas e somar-se a elas ao investigar como transcorrem as trajetórias escolares em contexto social desfavorável e como o sucesso e o fracasso escolar

associam-se a fatores sociais e atitudes que descrevem a produção social deste “transcorrer”. O objetivo específico é realizar um estudo longitudinal de trajetórias escolares; mapear trajetórias coletivas e individuais; identificar e descrever como as trajetórias se materializam (fluxo); identificar e descrever como o sucesso escolar (aprovação) e o fracasso (reprovação) são socialmente produzidos nesse transcorrer.

Metodologia

Modelo de análise: Estudo longitudinal de trajetórias escolares. Esse modelo de análise visa examinar as variações nas características dos mesmos elementos amostrais ao longo de um determinado período de tempo. No caso do presente trabalho, visa acompanhar a trajetória de um conjunto de alunos que se encontravam juntos, no início da escolarização, em um mesmo ano (coorte), examinando o transcorrer de seus percursos entre o 1º e o 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de mapear e descrever trajetórias coletivas e individuais, isto é, as variações dos percursos entre a entrada e a saída do ensino fundamental.

Fonte de dados: O diário de classe foi o ponto de partida para identificar trajetórias escolares coletivas e individuais. O diário de classe é um documento escolar oficial, elaborado e regulamentado pela Secretaria de Educação, repassado às escolas, onde o secretário escolar, a supervisão pedagógica, a direção e os professores são responsáveis por preencher, conferir e assinar. Todas as informações foram mantidas sigilosas. Preservou-se a confidencialidade dos dados pessoais. Observou-se o uso estritamente científico das informações. O mais estrito rigor acadêmico e ético pautou todas as etapas para assegurar as prescrições do método e da prática científica. A partir do diário, é possível analisar fatores sociais e demográficos, como data de nascimento (idade) e sexo, registros institucionais, como aprovação, reprovação, evasão, remanejamento, transferência de turma, turno ou escola, dentre outras informações relevantes, apesar de nem sempre essas informações estarem devidamente preenchidas. O diário também contém informações sobre as turmas, as datas das aulas, os conteúdos ministrados em sala, a frequência dos alunos, as avaliações, notas e outras eventuais observações. Ao final de cada ano, essas informações são enviadas para a Secretaria de Educação e os diários são arquivados permanentemente na escola. Ressalta-se que, embora o diário de classe seja um documento escolar oficial que, em tese, não pode ser rasurado, na prática, muitas vezes os diários são não somente rasurados, como contêm erros e imprecisões. Portanto, nesta análise, tem-se o cuidado de não fazer afirmações definitivas em relação

aos desfechos das trajetórias escolares, mas sim especular seu transcorrer com base nas informações contidas nesse documento potencial.

A pesquisa foi realizada em uma típica escola municipal de uma cidade de porte médio do interior de Minas Gerais, o que encontra similitudes com boa parte das escolas urbanas das periferias brasileiras. A escolha dessa escola deu-se por alguns motivos principais. O primeiro refere-se ao próprio contexto socioeconômico da escola, que está inserida em um bairro periférico da cidade, lugar ideal para a localização das trajetórias escolares que aqui nos interessam, isto é, aquelas produzidas em contextos socioeconômicos desfavoráveis. É uma escola média, com características similares a maior parte das escolas públicas brasileiras de ensino fundamental. Segundo o INEP (2015)¹, contava com aproximadamente 506 matrículas, 25 turmas, 11 salas de aula, 46 professores, 03 turnos de funcionamento, atuando nas modalidades pré-escola (poucas turmas), anos iniciais e finais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos (noturno).

Recorte temporal: São investigadas trajetórias escolares percorridas a partir dos anos 2000, período reconhecidamente mais favorável em relação à ampliação de políticas públicas educacionais. Busca-se investigar três coortes de alunos: a coorte que ingressou na 1º série do ensino fundamental em 2000 e deveria chegar à 8º série em 2007; a coorte que ingressou na 1º série em 2003 e deveria concluir em 2010; e a coorte que ingressou no 1º ano do ensino fundamental em 2006 e deveria chegar ao 9º ano em 2014. É importante ressaltar que no ano de 2006, foi promulgada a Lei nº 11.274, que regulamentou o ensino fundamental em 09 anos, distribuído em dois ciclos, respectivamente 1º ao 5º e 6º ao 9º. O primeiro ciclo, composto pelos cinco anos iniciais do ensino fundamental, passou a abranger compulsoriamente crianças de 06 a 10 anos de idade. O segundo ciclo, composto pelos quatro anos finais do ensino fundamental, passou a abranger adolescentes de 11 a 14 anos de idade. Assim, a partir do ano de 2006, as crianças passaram a ingressar no 1º ano do ensino fundamental aos 06 anos de idade, devendo percorrer os dois ciclos em 09 anos. O sistema de séries foi abolido e o ensino fundamental passou a ser organizado por ano e ciclos.

Todavia, embora as escolas tivessem até 2010 para mudar gradualmente sua organização e matricular os alunos novatos no novo ensino fundamental de 09 anos,

¹Complexidade de gestão segundo o Inep: Porte superior a quinhentas matrículas; funciona em três turnos; tem quatro ou mais etapas, apresentando a EJA (Educação de Jovens e Adultos) como a etapa mais elevada:

http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/escola_complexidade_gestao/nota_tecnica_indicador_escola_complexidade_gestao.pdf

quando a Lei nº 11.274 entrou em vigor em 2006, a escola onde se pesquisou as trajetórias imediatamente organizou todas as turmas de acordo com a nova Lei. Assim, todos os alunos que estavam matriculados em 2006, independente de ser aluno antigo ou novato, foram incorporados à nova organização do ensino fundamental de 09 anos. Ou seja, as três coortes investigadas foram integradas, a partir de 2006, ao ensino fundamental de 09 anos. Desta forma, a primeira coorte (2000/2007) e a segunda coorte (2003/2010) ingressaram no ensino fundamental de 08 anos e terminaram no ensino fundamental de 09 anos, respectivamente (2000/2008); (2003/2011). Isto é, essas coortes ingressaram no sistema de séries e foram transferidas para o sistema de anos ao longo de sua trajetória. A terceira coorte (2006/2014) ingressou e terminou no ensino fundamental de 09 anos. Somando às três coortes, foram examinadas 225 trajetórias: 76 correspondendo à primeira coorte; 96 correspondendo à segunda; 53 correspondendo à terceira coorte. Nos anos iniciais, examinaram-se os diários do professor regente de turma; nos anos finais os diários de matemática e, na falta desses, os diários de português.

Variáveis: Identificação ou (id) (código a partir do registro do aluno (i.e. “nome”) – confidencial), [novato X repetente], idade, sexo e situação do aluno ao final do ano letivo.

Instrumento: São utilizadas 03 planilhas, uma para cada coorte investigada, contendo somente os dados dos alunos matriculados no 1º ano do ensino fundamental, como identificação, condição de novato ou repetente, idade e sexo. Na frente dessas informações são deixadas nove colunas, cada uma equivalendo a um ano do 1º ao 9º. Na frente dessas nove colunas é deixada mais uma coluna para a descrição das trajetórias escolares, isto é, como transcorreu o percurso do aluno ao longo do ensino fundamental. Feito isso, busca-se verificar se os alunos matriculados no 1º ano do ensino fundamental de cada coorte constam matriculados nos anos subsequentes. Desta forma, se os alunos matriculados no 1º ano de cada coorte são identificados entre aqueles matriculados nos anos subsequentes, como é desejável, assinala-se o número 01. Caso não, marca-se 0, buscando-se com isso descrever sua trajetória, isto é, se o aluno foi aprovado, reprovado, transferido, evadido, com base nas informações disponíveis nos diários. Busca-se, assim, examinar como transcorrem as trajetórias escolares coletivas e individuais, ao longo do ensino fundamental, bem como a produção social do sucesso (aprovação) e do fracasso (reprovação) escolar.

Assim, foi realizado um exame censitário das coortes, atentando-se para as suas características gerais, como o número de alunos matriculados, quantidade de novatos e repetentes, idade e sexo. Além disso, examinam-se os percursos individuais e coletivos, descrevendo a cada ano: (1) alunos matriculados – cujos (id) constam nos diários; (2) alunos aprovados – cujos (id) constam aprovados ao final do ano letivo, aparecendo no diário subsequente; (3) alunos aprovados – cujos (id) constam aprovados ao final do ano letivo, porém não aparecem no diário subsequente. Esses alunos podem ter sido reprovados em outras disciplinas cujos diários não foram examinados ou ter sido transferidos de escola ao final do ano; (4) alunos reprovados – cujos (id) constam como reprovados ao final do ano letivo, não aparecendo no diário subsequente; (5) alunos que reaparecem – isto é, constam aprovados ou reprovados em determinado ano, de acordo as informações do diário examinado, seus (id) não aparecem no diário subsequente, reaparecendo 02 ou 03 anos depois; (6) alunos que constam transferidos de escola; (7) alunos cujos (id) foram riscados; (8) alunos que constam remanejados; (9) alunos cujas informações constam em branco nos diários examinados. Desta forma, examina-se como transcorrem as trajetórias escolares individuais e coletivas de cada coorte e como o sucesso e o fracasso escolar podem estar sendo socialmente produzidos nesse transcorrer.

Resultados

Em relação à primeira coorte – aquela que ingressou na 1ª série do ensino fundamental em 2000 e deveria concluir em 2007 – identificaram-se 76 alunos listados nos diários de classe da 1ª série em 2000. É importante ter em mente que a coorte que inicia o processo de escolarização nos anos 2000 encontra condições relativamente melhores de acesso e permanência, em comparação com as coortes anteriores. Avanços econômicos, políticos e sociais significativos ao final dos anos 1990, refletiram nas condições gerais de escolarização encontradas pelas coortes que ingressaram na educação básica nas décadas seguintes. A transição demográfica da população, a queda nas taxas de fecundidade, o acesso das famílias a condições sociais relativamente mais favoráveis e a ampliação de programas destinados a melhorar a qualidade do ensino, por exemplo, culminaram em relevantes melhorias nos indicadores de fluxo. A redução dos custos diretos da educação para as famílias possibilitou aos segmentos em situação social de desvantagem um maior acesso à educação (SILVA, 2003).

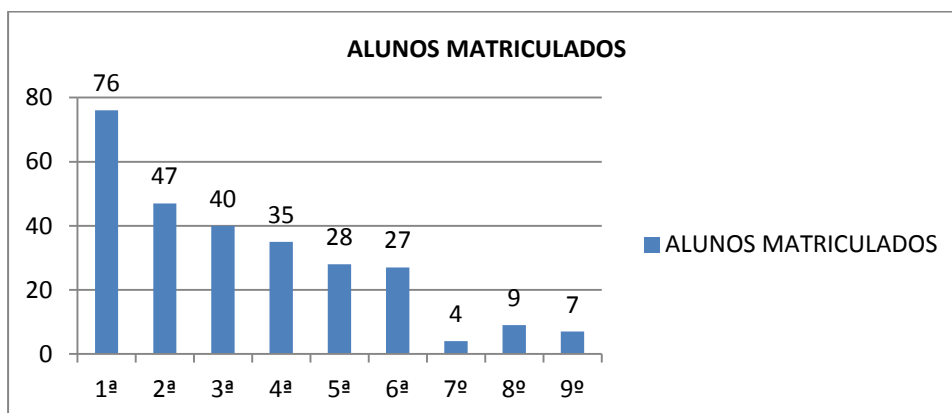
Dos 76 alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental no ano 2000, 34 eram do sexo feminino e 42 do sexo masculino. Em relação à idade, 63 alunos nasceram entre 1992 e 1993, cursando a 1ª série do ensino fundamental em torno de 07/08 anos de idade. Os demais alunos nasceram entre 1991 e 1987, ao que tudo indica, cursando a 1ª série com alguma defasagem. Estudos anteriores confirmam o diagnóstico de que a entrada tardia na 1ª série implica negativamente na trajetória escolar dos indivíduos. Aqueles que fazem pré-escola ou ingressam mais cedo na 1ª série tendem a ter mais sucesso em suas trajetórias escolares (CASTRO; TAVARES JR., 2016).

Dos 76 alunos listados nos diários de classe da 1ª série no ano 2000, 59 constavam como novatos e 17 como repetentes. Um dado curioso é que dos 17 alunos repetentes, ou seja, entre aqueles que estavam cursando a 1ª série pela segunda vez no ano 2000, 04 foram novamente reprovados ao final do ano letivo, completando a terceira reprovação na 1ª série. Esses 04 alunos constam nos diários da 1ª série em 1999, nos diários da 1ª série em 2000 e nos diários da 1ª série em 2001. O caso mais grave é que dentre esses, 01 foi novamente reprovado na 1ª série em 2001, constando nos diários da 1ª série em 2002, batendo o recorde de quatro reprovações na 1ª série. Seja lá qual for o problema, o fato é que há algo de errado. Esse dado é um indício de que, no início dos anos 2000, o sistema escolar permaneceu perverso com os alunos. Desde o final dos anos 1980, Ribeiro (1991) já denunciava a “pedagogia da repetência”, isto é, o problema da excessiva taxa de repetência escolar no Brasil, principalmente nas séries iniciais. Segundo suas análises, de todos os problemas de fluxo de alunos no sistema de ensino, a repetência na 1ª série seria o mais grave e preocupante. A repetência tende a provocar novas repetências e criar um gargalo, não contribuindo com a progressão dos estudos. Nas escolas das classes menos favorecidas, por exemplo, haveria uma determinação praticamente política de reprovar sistematicamente todos os alunos.

Assim, dos 76 alunos matriculados na 1ª série em 2000, 47 constam nos diários da 2ª série em 2001; 40 constam nos diários da 3ª série em 2002; 35 constam nos diários da 4ª série em 2003; 28 constam nos diários da 5ª série em 2004; 27 constam nos diários da 6ª série em 2005; 04 constam nos diários do 7º ano em 2006 – nota-se que na transição da 6ª série para o 7º ano, isto é, de 2005 para 2006, momento em que foi implantado o ensino fundamental de 09 anos, houve uma grande defasagem de alunos. Uma hipótese é de que esses alunos tenham sido transferidos de escola, na medida em que não foram localizados nos diários de 2006, nem no 6º ano (caso tivessem sido reprovados) e nem no 7º (caso tivessem prosseguido na escola). Nos diários do 8º ano em 2007 foram

encontrados 09 alunos; nos diários do 9º ano em 2008 foram encontrados 07 alunos, 03 meninas e 04 meninos.

GRÁFICO 01 – Trajetórias da 1ª coorte



Fonte: Elaboração própria.

É fundamental esclarecer como chegamos a esses números. Conforme mencionado anteriormente, nos diários de classe da 1ª série do ensino fundamental no ano 2000, havia 76 alunos matriculados. Dentre esses alunos, 01 foi remanejado; 02 foram transferidos de escola; 04 tiveram (id) riscados dos diários; 06 constam aprovados nos diários examinados, porém não aparecem nos diários da série seguinte; 16 constam reprovados ao final do ano letivo; 47 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte. Quando o aluno consta aprovado nos diários examinados, porém não aparece nos diários da série seguinte, pode haver dois principais desfechos: o aluno pode ter sido reprovado em outras disciplinas cujos diários não foram examinados, visto que foram examinados somente os diários do professor regente e o diário de matemática (na falta desse, o diário de português); ou esses alunos podem ter sido transferidos de escola ao final do ano letivo.

Observa-se que grande parte dos alunos passou por algum percalço logo na 1ª série do ensino fundamental, já abrindo um gargalo no início da educação básica, ou seja, uma grande seletividade inicial. Diversas pesquisas mostram que uma única reprovação compromete severamente a trajetória escolar de uma criança. Poucos são os alunos reprovados que conseguem chegar com êxito ao final do ensino médio e mesmo prolongar sua trajetória até o ensino superior. Esses alunos tendem ao ensino noturno, baixa proficiência e poucas expectativas de prolongar sua trajetória escolar. O problema é cumulativo, uma vez que reprovação tende a gerar reprovação (TAVARES JR.; SIMÃO, 2016); (CASTRO; TAVARES JR., 2016).

Nos diários de classe da 2ª série em 2001, foram encontrados 47 alunos. Ao final do ano letivo, 01 consta aprovado nos diários examinados, mas não aparece nos diários da série seguinte; 06 constam reprovados; 40 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte. Nos diários da 3ª série, em 2002, foram encontrados 40 alunos. Ao final, 02 constam aprovados nos diários examinados, mas não aparecem nos diários da série seguinte; 03 constam reprovados; 35 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte. Nos diários da 4ª série, em 2003, foram localizados 35 alunos. Ao final, 02 tiveram seus (id) riscados; 02 constam reprovados; 03 constam aprovados nos diários examinados, porém não aparecem nos diários da série seguinte; 28 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte.

Nos diários de classe da 5ª série, em 2004, foram encontrados 28 alunos. Ao final, 01 aluno teve sua (id) riscada, 01 consta aprovado nos diários examinados, porém não aparece nos diários da série seguinte; 26 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte. Nos diários da 6ª série, em 2005, foram encontrados 27 alunos: 26 vindos da 5ª série e 01 aluno que reaparece na 6ª série. Ao final da 6ª série, 01 aluno consta reprovado, 01 aluno consta aprovado e aparece nos diários do ano seguinte, 25 alunos constam aprovados nos diários examinados, mas não aparecem nos diários do ano seguinte. Nos diários do 7º ano, em 2006, foram encontrados 04 alunos: 01 vindo da 6ª série e 03 que reaparecem no 7º ano. Ao final do 7º ano, os 04 alunos constam aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 8º ano, em 2007, foram encontrados 09 alunos: 04 alunos vindos do 7º ano e 05 alunos que reaparecem no 8º ano. Ao final do 8º ano, 01 aluno consta reprovado, 01 aluno consta aprovado, porém não aparece nos diários do ano seguinte, 07 alunos constam aprovados e aparecem nos diários do ano seguinte. Nos diários do 9º ano, em 2008, foram encontrados 07 alunos.

TABELA 01 – Descrição das trajetórias da 1ª coorte

TRAJETÓRIA	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
MATRICULADOS	76	47	40	35	28	27	4	9	7
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	47	40	35	28	26	1	4	7	0
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE NÃO APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	6	1	2	3	1	25	0	1	0
REAPARECEM	0	0	0	0	0	1	3	5	0
REPROVADOS	16	6	3	2	0	1	0	1	0
RISCADOS	4	0	0	2	1	0	0	0	0
TRANSFERIDOS	2	0	0	0	0	0	0	0	0
REMANEJADOS	1	0	0	0	0	0	0	0	0
SEM INFORMAÇÃO	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos que reaparecem, destacam-se situações em que o aluno foi transferido da escola de origem, não houve adaptação na escola de destino, retornando posteriormente para a escola de origem. Segundo relatos da coordenação pedagógica, há casos em que os responsáveis transferem seus filhos para escolas de bairros vizinhos ou para escolas centrais em busca de um suposto melhor atendimento, porém, muitas vezes não há adaptação por parte dos filhos, ou mesmo há dificuldades dos responsáveis em manter os filhos em escolas mais afastadas de sua residência, dentre outros problemas, retornando os filhos para a escola de origem. Assim, há situações em que o aluno estuda, por exemplo, até a 4ª série na escola próxima de sua residência, é transferido para uma escola em outro bairro, cursa a 5ª e a 6ª série nessa outra escola, há problemas de adaptação, retornando na 7ª série para a escola de origem. Ainda em relação aos que reaparecem, outra possibilidade são as classes de aceleração de aprendizagem e outras medidas de correção de fluxo, em que classes especiais, com orientação pedagógica própria, visam atender alunos com distorção idade/série, buscando manter os repetentes na idade/série correta e corrigir o fluxo. Assim, o aluno é reprovado em determinado ano, perpassa por alguma medida de correção de fluxo, sendo realocado posteriormente no ano correto.

Todavia, mesmo com as classes de aceleração e demais medidas de correção de fluxo, em muitos casos, há novas reprovações. O fato de o aluno ser alocado em uma classe de aceleração para corrigir sua distorção, não significa que no futuro ele não voltará a ser reprovado. Nota-se a persistência da exclusão educacional e a naturalização do fracasso escolar. Percebe-se que as trajetórias escolares atravessam um tortuoso percurso, com muitos obstáculos desde o ingresso até a conclusão do ensino fundamental, no qual se realizam muitas das desigualdades perante o ensino. Nesse processo, observa-se uma grande produção de fracasso escolar. É marcante o funil instalado no sistema de ensino, visto que na primeira coorte, aparentemente, 09 alunos teriam chegado com relativo êxito ao final do ensino fundamental.

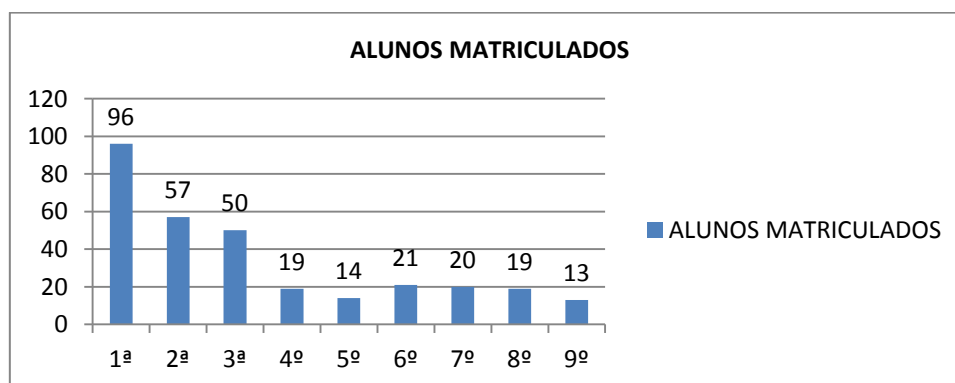
Em relação à segunda coorte – aquela que ingressou na 1ª série do ensino fundamental em 2003 e deveria concluir em 2010 – identificaram-se 96 alunos listados nos diários de classe da 1ª série em 2003. Essa coorte contou com um maior número de alunos em comparação com as outras. De fato, os censos escolares indicam um aumento do número matrículas na educação básica entre os anos de 1991 e 2004, período em que o número de matrículas no ensino fundamental teve um salto de 29.203.724 em 1991 para 34.012.151 em 2004. Apesar da redução nas taxas de natalidade, esse aumento

pode estar relacionado aos esforços da União, Estados e Municípios em ampliar o acesso ao ensino fundamental, especialmente para faixa de 7 a 14 anos de idade (ARAÚJO; LUZIO, 2005). Assim, o aumento do número de matrículas observado na segunda coorte estaria dentro do esperado.

Dos 96 alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental em 2003, 46 eram do sexo feminino e 50 do sexo masculino. Dentre esses alunos, 63 nasceram entre 1996 e 1995, cursando a primeira série do ensino fundamental em torno de 07/08 anos de idade. Os outros alunos nasceram entre 1994 e 1990, cujos indivíduos estariam cursando a 1ª série do ensino fundamental com alguma defasagem; 22 alunos não constam com essa informação preenchida. Ressalta-se que os diários de classe nem sempre estão com todas as informações dos alunos devidamente preenchidas. Em alguns diários da segunda coorte, por exemplo, as informações de alguns alunos referentes à data de nascimento, condição de novato ou repetente, bem como sua situação escolar ao final do ano letivo (se foi aprovado, reprovado e etc.), não constam preenchidas.

Dos 96 alunos listados na 1ª série do ensino fundamental em 2003, 69 constam como novatos; 05 como repetentes; 22 alunos não constam com essa informação preenchida. Ao que tudo indica, a maioria dos alunos dessa coorte estaria cursando a 1ª série pela primeira vez. Dos 96 alunos matriculados na 1ª série em 2003, 57 constam nos diários da 2ª série em 2004; 50 constam nos diários da 3ª série em 2005; 19 constam nos diários do 4º ano em 2006 – novamente percebe-se que na transição de 2005 para 2006, quando foi implantado o ensino fundamental de 09 anos, houve uma grande defasagem de alunos. Nos diários do 5º ano, em 2007, foram encontrados 14 alunos; nos diários do 6º ano, em 2008, foram encontrados 21 alunos; nos diários do 7º ano, em 2009, foram encontrados 20 alunos; nos diários do 8º ano, em 2010, foram encontrados 19 alunos; nos diários do 9º ano, em 2011, foram encontrados 13 alunos, 05 meninas e 08 meninos.

GRÁFICO 02 – Trajetórias da 2ª coorte



Fonte: Elaboração própria.

No que tange a composição desses números é necessário esclarecer que, nos diários de classe da 1ª série do ensino fundamental, em 2003, havia 96 alunos matriculados. Ao final do ano letivo, 06 alunos constam aprovados nos diários examinados, mas não aparecem nos diários da série seguinte; 10 alunos tiveram suas (id) riscadas; 23 alunos constam reprovados; 57 alunos constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte. Nota-se que é alto o número de alunos reprovados logo na 1ª série, aproximadamente 24% dos alunos. Nos diários da 2ª série, em 2004, foram encontrados 57 alunos. Ao final, 01 consta aprovado nos diários examinados, porém sua (id) não aparece nos diários da série seguinte; 03 alunos estão sem as informações preenchidas, 04 constam reprovados, 49 constam aprovados e aparecem nos diários da série seguinte.

Nos diários da 3ª série, em 2005, foram localizados 50 alunos, sendo 49 vindos da 2ª série e 01 que reaparece, isto é, consta reprovado nos diários da 1ª série, não aparece nos diários da 2ª série, mas reaparece nos diários da 3ª série. Conforme mencionado anteriormente, acredita-se que esse fato deve-se, principalmente, a medidas de correção de fluxo e transferências. Dos 50 alunos encontrados na 3ª série, ao final do ano letivo, 01 aluno consta transferido, 02 alunos constam aprovados aparecendo nos diários do ano seguinte, 47 alunos constam sem as informações preenchidas, não aparecendo nos diários do ano seguinte. É importante considerar essa grande defasagem, que aconteceu justamente na transição do ensino fundamental de 08 anos para o ensino fundamental de 09 anos.

Nos diários do 4º ano, em 2006, foram localizados 19 alunos, sendo 02 vindos da 3ª série e 17 alunos que não constam nos diários da 3ª série, mas que reaparecem nos diários do 4º ano. Acredita-se que esses reaparecimentos devem-se, dentre outras coisas, as classes de aceleração de aprendizagem ou outras medidas de correção de fluxo, pois, no geral, os alunos que reaparecem foram reprovados em alguma série anterior, ficaram algumas séries sem aparecer, reaparecendo depois no ano correto, sem defasagem. Ao final do 4º ano, dos 19 alunos localizados, 08 constam aprovados e 11 reprovados. Nos diários de classe do 5º ano, em 2007, foram encontrados 14 alunos, sendo 08 vindos do 4º ano e 06 que reaparecem. Ao final, 03 constam reprovados e 11 aprovados. Nos diários do 6º ano, em 2008, foram localizados 21 alunos, sendo 11 vindos do 5º ano e 10 que reaparecem. Ao final, 07 constam reprovados e 14 aprovados. No 7º ano, em 2009, foram localizados 20 alunos, sendo 14 vindos do 6º ano e 06 alunos que reaparecem. Ao final, 01 aluno teve seu (id) riscado, 01 aluno consta aprovado, porém

não aparece no diário do ano seguinte, 02 constam reprovados e 16 aprovados. Nos diários de classe do 8º ano, em 2010, foram encontrados 19 alunos: 16 vindos do 7º ano e 03 que reaparecem. Ao final do ano, 01 aluno consta aprovado, porém não aparece nos diários do ano seguinte, 05 alunos constam reprovados, 13 alunos constam aprovados e aparecem nos diários no ano seguinte. Nos diários do 9º ano, em 2011, foram encontrados 13 alunos.

TABELA 02 – Descrição das trajetórias da 2ª coorte

TRAJETÓRIA	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
MATRICULADOS	96	57	50	19	14	21	20	19	13
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	57	49	2	8	11	14	16	13	0
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE NÃO APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	6	1	0	0	0	0	1	1	0
REAPARECEM	0	0	1	17	6	10	6	3	0
REPROVADOS	23	4	0	11	3	7	2	5	0
RISCADOS	10	0	0	0	0	0	1	0	0
TRANSFERIDOS	0	0	1	0	0	0	0	0	0
REMANEJADO	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SEM INFORMAÇÃO	0	3	47	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Acredita-se que esses reaparecimentos devem-se, dentre outras coisas, as classes de aceleração de aprendizagem ou outras medidas de correção de fluxo, pois, no geral, os alunos que reaparecem foram reprovados em alguma série anterior, ficaram algumas séries sem aparecer, reaparecendo depois no ano correto, sem defasagem. Quando o aluno consta aprovado nos diários examinados, porém não aparece nos diários da série seguinte, pode haver dois principais desfechos: o aluno pode ter sido reprovado em outras disciplinas cujos diários não foram examinados, visto que foram examinados somente os diários do professor regente e o diário de matemática (na falta desse, o diário de português); ou esses alunos podem ter sido transferidos de escola ao final do ano letivo.

Uma questão importante de ser ressaltada é que, os alunos da primeira e segunda coorte que permaneceram na escola pesquisada, chegaram ao final do ensino fundamental com, no mínimo, 15 anos, idade superior ao previsto. Mesmo aqueles que ingressaram no ensino fundamental na idade correta e não foram reprovados concluíram com defasagem, pois, com a ampliação do ensino fundamental para 09 anos, esses alunos tiveram um ano adicionado ao final de suas trajetórias escolares. A previsão inicial era de que esses alunos concluíssem a 8ª série, até então, última série do ensino fundamental, aos 14 anos de idade, porém, com a implementação do ensino fundamental de 09 anos durante suas trajetórias escolares, tiveram que ficar mais um ano na escola,

chegando ao 9º ano aos 15 anos de idade. Esse fato não aconteceu com a terceira coorte, uma vez que essa pegou as leis desde o início, tanto a lei que antecipou o ingresso, quanto a lei que estendeu as trajetórias escolares no ensino fundamental. Assim, a terceira coorte ingressou mais cedo no 1º ano do ensino fundamental, aos 06 anos de idade, chegando ao 9º ano, no mínimo, aos 14 anos. Logo, em termos de idade, a primeira e a segunda coorte ficaram defasadas e prejudicadas.

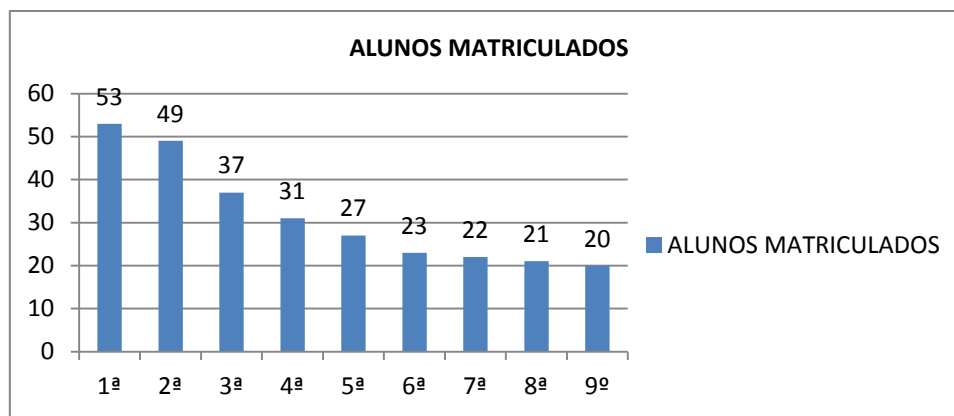
Em relação à terceira coorte investigada – aquela que ingressou no 1º ano do ensino fundamental em 2006 e deveria chegar ao 9º ano em 2014 – identificaram-se 53 alunos listados nos diários de classe do 1º ano em 2006, sendo 23 do sexo masculino e 30 do sexo feminino. Destaca-se que essa coorte apresentou uma menor quantidade de alunos em comparação às outras. De modo geral, diversas pesquisas mostram que desde o final dos anos 1990 há uma tendência de queda no número de matrículas, principalmente por influência de fatores demográficos, diminuindo o tamanho das coortes de idade, conseqüentemente refletindo no número de matrículas na educação básica (SILVA, 2003).

Dos 53 alunos matriculados no 1º ano do ensino fundamental em 2006, 28 alunos nasceram em 1999 e 25 alunos nasceram em 2000, ingressando no 1º ano do ensino fundamental em torno de 06/07 anos de idade, ou seja, na idade adequada. Ressalta-se a que a Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, tornou obrigatória a matrícula de crianças de seis anos de idade no ensino fundamental e a Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, ampliou o ensino fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças a partir dos 06 anos de idade. A idade de ingresso no sistema de ensino é um dado importante para compreender a produção do sucesso e do fracasso escolar, visto que diversas pesquisas corroboram que os alunos que entram mais cedo na escola, especialmente os que fazem pré-escola, tem mais chances de obter sucesso em sua trajetória escolar (MENEZES-FILHO, 2007); (BARSOSA, 2009). O ingresso precoce na escola tende a contribuir para a produção do sucesso escolar.

Dos alunos listados nos diários de classe do 1º ano do ensino fundamental em 2006, todos constavam como novatos. Aparentemente, todos os alunos ingressaram na idade correta, sem defasagens, como é esperado. Desses 53 alunos, 49 constam nos diários do 2º ano em 2007; 37 constam nos diários do 3º ano em 2008; 31 constam nos diários do 4º ano em 2009; 27 constam nos diários do 5º ano em 2010; 23 constam nos diários do 6º ano em 2011; 22 constam nos diários do 7º ano em 2012; 21 constam nos diários do 8º ano em 2013; 20 alunos constam nos diários do 9º ano em 2014, sendo 07

meninos e 13 meninas. Nota-se uma relativa melhoria do fluxo dos alunos, em comparação com as outras gerações, visto que praticamente metade dos alunos que estavam matriculados na escola pesquisada chegou, pelo menos, até o 9º ano na idade correta. Fato que não ocorreu com as coortes anteriores.

GRÁFICO 03 – Trajetórias da 3ª coorte



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à composição, ressalta-se que nos diários de classe do 1º ano do ensino fundamental em 2006, havia 53 alunos matriculados. Ao final, 01 consta sem as informações preenchidas; 03 foram riscados; 49 constam aprovados e aparecem nos diários do ano seguinte. Nos diários do 2º ano, em 2007, foram encontrados 49 alunos. Ao final, 03 constam aprovados nos diários examinados, porém não aparecem nos diários do ano seguinte; 04 foram riscados; 05 constam reprovados; 37 constam aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 3º ano, em 2008, foram encontrados 37 alunos. Ao final, 02 constam sem as informações preenchidas; 02 foram riscados; 02 constam reprovados; 31 constam aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 4º ano, em 2009, foram encontrados 31 alunos. Ao final, 04 constam reprovados; 27 constam aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 5º ano, em 2010, foram encontrados 27 alunos. Ao final, 04 constam reprovados e 23 aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 6º ano, em 2011, foram encontrados 23 alunos. Ao final, 01 consta aprovado nos diários examinados, mas não aparece nos diários do ano seguinte, 02 constam reprovados; 20 constam aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 7º ano, em 2012, foram encontrados 22 alunos: 20 vindos do 6º ano e 02 que reaparecem. Ao final, 02 alunos constam reprovados e 20 aprovados, aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 8º ano, em 2013, foram encontrados 21 alunos: 20 vindos do 7º ano e 01 aluno que reaparece. Ao final, 01 aluno consta reprovado; 20 constam aprovados,

aparecendo nos diários do ano seguinte. Nos diários do 9º ano foram encontrados 20 alunos.

TABELA 03 – Descrição das trajetórias da 3ª coorte

TRAJETÓRIA	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
MATRICULADOS	53	49	37	31	27	23	22	21	20
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	49	37	31	27	23	20	20	20	0
APROVADOS NO DIÁRIO EXAMINADO QUE NÃO APARECEM NO DIÁRIO DO ANO SEGUINTE	0	3	0	0	0	1	0	0	0
REAPARECEM	0	0	0	0	0	0	2	1	0
REPROVADOS	0	5	2	4	4	2	2	1	0
RISCADOS	3	4	2	0	0	0	0	0	0
TRANSFERIDOS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
REMANEJADO	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SEM INFORMAÇÃO	1	0	2	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que a terceira coorte contou com um maior número de alunos chegando com relativo êxito ao 9º ano. Ou seja, essa foi não somente a menor coorte, mas também a coorte que mais alunos chegaram, pelo menos, ao 9º ano na idade correta, sem repetências. Em condições favoráveis, esses alunos devem estar cursando o 3º ano do ensino médio, atualmente, em 2017. Nota-se que houve uma quantidade menor de reprovação e que a trajetória dessa coorte entre o 1º e o 9º ano aparenta ser mais linear do que as anteriores. A menor quantidade de alunos pode ter sido crucial no êxito relativo dessa coorte, bem como seu ingresso precoce no 1º ano, somado ao fato de ser a única coorte entre as três investigadas que pegou o ensino fundamental de 09 anos do início ao fim – visto que as coortes anteriores foram transferidas para o ensino fundamental de 09 anos no decorrer de sua trajetória. É importante atentar-se bem para a terceira coorte e observar os efeitos que o ensino fundamental de 09 anos pode ter tido sobre a sua trajetória escolar. É preciso verificar o quanto o fato de ingressar mais cedo e passar mais anos na escola tem contribuído com ganhos de aprendizagem e fluxo, isto é, com a produção do sucesso escolar.

Considerações finais

Reconhece-se que cada coorte tem suas particularidades, como a quantidade de matrículas, a idade de ingresso, as políticas educacionais vigentes, dentre outras. Porém, algo em comum que as aproxima, em maior ou menor grau, é a reprovação. Ao examinar as coortes, considerando as informações contidas nos diários de classe, nota-se que a reprovação é o ponto mais nevrálgico das trajetórias escolares. Do ponto de vista coletivo,

a reprovação é, em grande medida, responsável pelo funil que se verifica na educação básica: muitos ingressam, mas poucos conseguem concluir da forma adequada. Do ponto de vista individual, a reprovação é, no mínimo, desmotivante, não garante o aprendizado, podendo comprometer as expectativas de longevidade escolar. Mesmo que os diários não sejam tão precisos e que a situação final do aluno possa ser alterada em função de conselhos de classe, é inegável a quantidade de reprovação que consta nos diários. É inegável a produção social do fracasso escolar. Logo, o sucesso é praticamente uma exceção.

Conforme destacado por Tavares Júnior e Simão (2016), a reprovação é produzida desde a matrícula do aluno, no processo de “enturmação”, no primeiro dia de aula. Na matrícula, já é possível observar menos esperanças em relação a grupos desfavorecidos; na enturmação, a formação de turmas piores; no primeiro dia de aula, a atenção e as expectativas já são diferenciadas, começando a operar a profecia autorrealizadora e o efeito pigmalião. A reprovação está em cada atividade, em cada exercício, em cada nota, em cada ameaça ou advertência, na própria disposição geográfica das salas. A reprovação é uma produção social: cumpre papéis sociais e políticos. Alicerça historicamente a relação entre professores e alunos, com suas respectivas inserções e posições (contraditórias) de classe.

Assim, diante das perguntas que movem esse trabalho (como transcorrem as trajetórias escolares em contextos sociais desfavoráveis e como o sucesso e o fracasso escolar são socialmente produzidos nesse transcorrer?) acredita-se que o termo transcorrer é bastante apropriado para compreender as trajetórias escolares, pois transcorrer, segundo o dicionário, tem haver com correr, decorrer, desenvolver, passar, perpassar, cruzar, entrecruzar. Isso é justamente o que acontece com as trajetórias examinadas. Temos como exemplo, dentre outros, casos em que os alunos, já defasados, já perdidos em relação à sua coorte, se tornam contemporâneos, colegas de sala da coorte posterior, vide aqueles que foram reprovados três vezes ou mais.

Desta forma, percebe-se que as trajetórias escolares em contexto social desfavorável transcorrem de forma complexa: para uma parte dos alunos, esse transcorrer tem um início precoce, pelo menos, na idade correta. Para outros, esse transcorrer começa tarde, com defasagem de idade – a idade, reconhecidamente, é um fator fundamental na produção social do sucesso escolar. Para um grupo, esse transcorrer acontece, no mínimo, sem reprovações. Para outros, as trajetórias transcorrem com sucessivas reprovações, sendo-lhes negado constantemente o direito de

fluir – a reprovação é, reconhecidamente, o maior empecilho na produção social do sucesso escolar. Para alguns, a política pública educacional, por exemplo, aquela que implementou o ensino fundamental de nove anos, pode ter favorecido esse transcorrer, na medida em que colocou “limites” na quantidade de reprovação. Para outros, os benefícios dessa política não foram totalmente aproveitados, uma vez que não a pegaram desde o início de suas trajetórias escolares.

Para um grupo de alunos, a transferência de escola pode ter sido uma estratégia da própria família, para promover sua trajetória escolar. Para outros, a escola pode ter se tornado uma prisão, um lugar sem sentido, em que foram constantemente reprovados e aprisionados nas mesmas séries. Para esses alunos, a trajetória escolar, muitas vezes, já é delimitada nos anos iniciais do ensino fundamental, não somente a trajetória escolar, mas a própria trajetória social, suas possibilidades e sonhos de ingressar no ensino médio, no ensino superior, ter um bom emprego, se bem posicionar socialmente. De um modo ou de outro, nota-se que, para os indivíduos inseridos nesse contexto, a trajetória escolar pode transcorrer com mais, ou um pouco menos, dificuldades. Todavia, as dificuldades sempre estão presentes. Nesse sentido, observa-se que a produção social do sucesso e do fracasso escolar perpassa pelos mínimos diferenciais, tais como pelas políticas educacionais vigentes, pelos critérios de promoção escolar, pelas estratégias da família, pelas redes de socialização as quais os indivíduos estão conectados, que podem franquear oportunidades, enfim, pelos mínimos diferenciais.

Referências

ALVES, F. Políticas educacionais e desempenho escolar nas capitais brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p. 413-440, mai/ago de 2008.

ARAÚJO, C. H.; LUZIO, N. **Avaliação da Educação Básica**: em busca da qualidade e equidade no Brasil. Brasília: INEP, 2005.

BARBOSA, M. L. O. **Desigualdade e Desempenho**: Uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte: Editora Argvmentvm, 2009.

BOUDON, R. **A desigualdade de oportunidades**. Brasília: Editora UnB, 1981.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **La Reproduction** – Éléments pour une théorie du système d’enseignement. Paris: Editora Minuit, 1970.

BRASIL. **Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005**. Torna obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Brasília, DF, 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11114.htm Acesso 20/05/2017.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispendo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com

matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Brasília, DF, 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm Acesso 20/05/2017.

BRESSOUX, P. Les recherches sur les effets-écoles et les effets-maîtres. **Revue Française de Pédagogie**, n. 108, p. 91-137, 1994.

CASTRO, G., V.; TAVARES Jr., F. Jovens em Contextos Sociais Desfavoráveis e Sucesso Escolar no Ensino Médio. **Educação e Realidade**, v. 41, p. 239-258, 2016.

COLEMAN, J. S. et al. **Report on Equality of Educational Opportunity**. Washington, DC: U.S. Department of Health, Education and Welfare, Office of Education, 1966.

COUSIN, O. L'effet établissement: construction d'une problématique. **Revue Française de Sociologie**, n. 34, p. 395- 419, 1993.

GOLDTHORPE, J. H. Class Analysis and the Reorientation of Class theory: The Case of Persisting Differentials in Educational Attainment. **The British Journal of Sociology**, v. 61, s.1, p. 311-335, jan. 2010.

JENCKS, C. et al. **Inequality**. A reassessment of the effects of family and schooling in America. New York: Harper and Row, 1972.

LAHIRE, B. **O sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MENEZES-FILHO, N. **Os Determinantes do Desempenho Escolar no Brasil**. São Paulo, Instituto Futuro Brasil/ IBMEC São Paulo/ FEA USP, 2007.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 07, jan/fev/mar/abr, 1998.

REYNOLDS, D. et al. Educational Effectiveness Research (EER): A state of the Art Review. **Paper presented at 24th International ICSEI Conference**, Limassol, Cyprus, January 4-7, 2011.

REYNOLDS, D. School Effectiveness: Retrospect and Prospect. **Scottish Educational Review**, n. 29, v. 2, p. 97-113, 1997.

RIBEIRO, S. C. A pedagogia da repetência. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 12, p. 07-21, ago 1991.

SAMMONS, P.; HILLMAN, J.; MORTIMORE, P. **Key Characteristics of Effective Schools**: A review of school effectiveness research. London, Ed. Office for Standards in Education, 1995.

SILVA, N. do V. Expansão Escolar e Estratificação Educacional no Brasil. In HASENBALG, C.; SILVA, N. do V. (Org.). **Origens e Destinos**: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, pg. 105-138.

SILVA, N. V.; HASENBALG, C. Recursos familiares e transições educacionais. **Caderno de Saúde Pública**, v. 18, supl. p. S67-S76, 2002.

SOARES, J. F. et al. **Escola eficaz: um estudo de caso em três escolas**. Belo Horizonte: Fundação Ford, 2002.

TAVARES Jr., F.; SIMÃO, T. C. O Plano Nacional de Educação e o rendimento educacional. **Teoria e Cultura**, v. 11, n. 1 jan/jun 2016.